



ABORDAGEM COGNITIVO-REFLEXIVA NA PESQUISA QUALITATIVA: ESTRATÉGIA PARA A PRÁTICA DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

COGNITIVE-REFLEXIVE APPROACH IN QUALITATIVE RESEARCH: STRATEGY FOR SEMI-STRUCTURED INTERVIEW PRACTICE

Ana Paula Moreno Pinho¹

Clayton Robson Moreira da Silva²

Resumo: Este artigo propõe a introdução de uma abordagem metodológica qualitativa direcionada à elaboração e aplicação de roteiro de entrevista semiestruturado, denominada Abordagem Cognitivo-Reflexiva (ACR), composta pelas etapas: introdutória, cognitiva e exploratória, tendo como base a fenomenologia e a cognição social. A ACR baseia-se na captação das percepções e cognições do entrevistado de maneira espontânea, guiada e interativa. Na etapa cognitiva, o sujeito da pesquisa é capaz de desenvolver seu relato em três ciclos: espontâneo, a partir da experiência prévia com o fenômeno; guiado, com base em palavras-chave, frases e figuras relacionadas ao fenômeno evidenciadas em fichas; e criativo, por meio da escrita livre em papéis em branco. Também são mostradas evidências empíricas acerca da aplicação da ACR no âmbito das ciências sociais aplicadas. Como contribuições, destaca-se o dinamismo promovido pela aplicação das técnicas intituladas 'técnica das fichas' e 'técnica da livre produção escrita'. Ademais, ressalta-se a possibilidade de promover maior interação social, contribuindo para o delineamento de investigações qualitativas.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Cognição Social; Fenomenologia; Abordagem Cognitivo-Reflexiva; Entrevista Semiestruturada.

Abstract: This article proposes the introduction of a qualitative methodological approach aimed at the elaboration and application of a semi-structured interview script named Cognitive-Reflective Approach (CRA), composed of three stages: introductory, cognitive, and exploratory, based on phenomenology and social cognition. The CRA is based on the capture of the interviewee's perceptions and cognitions in a spontaneous, guided, and interactive manner. In the cognitive stage, the research subject can develop their account in three cycles: spontaneous, from previous experience with the phenomenon; guided, based on keywords, phrases, and figures related to the phenomenon evidenced on cards; and creative, through free writing on blank papers. Empirical evidence regarding the application of CRA in the field of applied social sciences is also presented. As contributions, the dynamism promoted by the application of techniques titled 'card technique' and 'free written production technique' stands out. In addition, it emphasizes the possibility of promoting greater social interaction, contributing to the design of qualitative research.

Keywords: Qualitative Research; Social Cognition; Phenomenology; Cognitive-Reflective Approach; Semi-structured Interview.

1 Introdução

A investigação de processos organizacionais na perspectiva de seus atores implica considerar que toda ação é fruto de aprendizagem, características pessoais e da

¹ Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Realizou Pós-Doutorado na Western University, Ontário, Canadá. Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: ana.pinho@ufc.br

² Doutor em Administração e Controladoria pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Pedro II, Piauí, Brasil. E-mail: clayton.silva@ifpi.edu.br



interpretação que se faz dos eventos ocorrentes nos ambientes interno e externo da organização (Pinho; Souza, 2019). As autoras enfatizam que a ação humana no trabalho decorre de vários fatores, dentre os quais: o conhecimento acumulado e as crenças construídas sobre a organização empregadora. O aparato cognitivo, representado pelo sistema de processamento de informações, é constituído de diferentes processos mentais conscientes e inconscientes, utilizados pela pessoa a fim de promover a sua adaptação a distintos ambientes, inclusive o organizacional e, assim, agir sobre ele (Fiske; Taylor, 1991). Tal fato conduz ao pensamento de que, também, os gestores e trabalhadores elaboram as próprias teorias a respeito do ambiente organizacional e de todos os eventos vivenciados.

A estrutura cognitiva sobre a organização resulta do quanto o sistema formal é claramente disseminado e incorporado pelas pessoas (Pinho; Souza, 2019). O compartilhamento dessa estrutura cognitiva, construída pelos membros da organização, contribui para fortalecer o vínculo existente entre eles e distintos processos psicossociais. Nessa perspectiva, a realidade organizacional é entendida como um processo de organizar-se continuamente (Weick, 1995).

Por isso, conhecer o pensamento ou as cognições que orientam as ações de atores organizacionais torna-se importante para compreender as direções do processo de agir e tomar decisões, bem como para subsidiar as políticas de gestão, as estratégias organizacionais, o desenvolvimento de práticas de gestão de pessoas e o planejamento do trabalho (Bastos, 2001). Importante é salientar que, para a concepção da Abordagem Cognitivo-Reflexiva (ACR), consideram-se cognições os conceitos de esquemas mentais, memória, percepção, atenção, atribuição de sentidos e significados advindos da experiência. Entende-se, neste passo, que esquemas mentais são estruturas mentais para representar o conhecimento, abrangendo uma série de conceitos significativamente inter-relacionados (Gardner, 1995).

Com efeito, a ACR, agora proposta, intenta promover o acesso do pesquisador à realidade mental e subjetiva do sujeito entrevistado, isto é, às suas percepções e cognições em relação ao fenômeno que estiver sendo investigado. O funcionamento da ACR baseia-se na utilização de técnicas que proporcionem condições de acesso ao campo mental e aos significados atribuídos pelo entrevistado.

Sob expressa perspectiva de aproximação dos processos cognitivos àqueles de ordem organizacional é que se propõe introduzir, pioneiramente, uma abordagem metodológica a ser aplicada em entrevistas semiestruturadas, a fim de ser utilizada em



pesquisas qualitativas e que represente uma modalidade de apreensão das cognições compartilhadas por distintos atores organizacionais.

A abordagem intitulada de Cognitivo-Reflexiva busca proporcionar o acesso a cognições, a importantes reflexões e à organização do pensamento e das ideias relacionadas à experiência do sujeito com o fenômeno estudado, bem como atribuir significados às vivências pessoais e profissionais. Importante é sinalizar para o fato de que, neste processo de captação das ideias e cognições, a percepção encontra-se na base da elaboração do pensamento. Portanto, o emprego da ACR vai conduzir ao acesso de conteúdos que expressam percepções e cognições.

De maneira específica, este artigo explora os fundamentos teóricos da ACR e descreve suas etapas constituintes. Com esse desiderato, contribui-se com a introdução de novas técnicas metodológicas de coleta de dados em pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas, com ênfase na metodologia qualitativa.

2 Referencial Teórico

A fim de estruturar as bases teóricas da ACR, foram abordados conteúdos relacionados a pesquisa qualitativa, fenomenologia, cognição social e entrevistas.

2.1 Pesquisa Qualitativa

O interesse pela pesquisa qualitativa na seara organizacional cresceu nos últimos anos (Bluhm *et al.* 2011) e estudos dessa natureza são, com frequência, publicados nos principais periódicos dessa área (Myers, 2015). Destaca-se que, para ser relevante, a pesquisa na área dos estudos organizacionais precisa de uma base fenomenológica prática, e a pesquisa qualitativa fornece tal substrato (Nørreklit, 2014). No entanto, embora tenha havido este avanço no que diz respeito ao uso de metodologias qualitativas, ainda é possível observar-se maior contingente de pesquisas quantitativas nessa área (Bluhm *et al.* 2011).

A aplicação de uma abordagem qualitativa ou quantitativa está associada à natureza e à complexidade do fenômeno examinado, enquanto a abordagem qualitativa interpretativa intenta se louvar na descrição, interpretação e compreensão aprofundado do fenômeno, a pesquisa quantitativa foca em aspectos como prevalência, generalização e calibração (Bluhm *et al.* 2011). Em aditamento, o fazer científico inerente a cada abordagem é singular. Enquanto a pesquisa quantitativa conta com testes para aferir seu



padrão de validade e confiabilidade, a pesquisa qualitativa possui caráter subjetivo e demanda um esforço adicional do investigador, a fim de que os parâmetros de qualidade e rigor científico sejam alcançados (Ashworth; McDermott; Currie, 2019).

Lee (1999) evidencia quatro características da pesquisa qualitativa interpretativa na área organizacional: i) a pesquisa qualitativa ocorre no ambiente natural da organização; ii) os dados qualitativos se originam das percepções do participante sobre suas experiências; iii) a pesquisa qualitativa é reflexiva; e (iv) os métodos de coleta e análise de dados qualitativos não são padronizados. As tradições metodológicas, entretanto, mudam, evoluem e passam por reavaliação (Welch *et al.* 2013). Nos últimos anos, as metodologias tradicionais são, constantemente, alvos de pressões, ao passo que novas possibilidades e soluções metodológicas se fazem necessárias, considerando os novos contextos em que as empresas atuam (Guercini, 2014).

A adoção de novas metodologias de pesquisa qualitativa contribui, decerto, para a redução do distanciamento entre teoria e prática (Guercini, 2014). Em complemento, o desenvolvimento de métodos qualitativos representa um avanço para o campo científico (Bluhm *et al.* 2011). Evidencia-se que os métodos qualitativos não adotam uma abordagem simplificadora, pois avaliam o problema em sua complexidade (Guercini, 2014). O autor sugere, também, que novos métodos qualitativos são alcançáveis pela articulação com outras metodologias, possibilitando a investigação de variados fenômenos com a visão através de novas lentes.

Discute-se que a pesquisa qualitativa no meio organizacional passa por um processo de estigmatização, em decorrência do emprego de métodos não convencionais (Bluhm *et al.* 2011). Ademais, ela se desenvolve a partir de uma perspectiva transdisciplinar, recebendo influência de outras ciências sociais, como a Sociologia, a Antropologia, a Linguística, a História, entre outras (Guercini, 2014). O autor discute que os componentes qualitativos da pesquisa (*i.e.*, análise de sentimento, julgamentos psicológicos etc.) são suscetíveis de revelarem-se os de mais difícil obtenção, bem como mais específicos e dotados de maior valor agregado. Desse modo, considerando que não há um modelo que explicita a maneira como uma pesquisa qualitativa é passível de ser desenvolvida (Bluhm *et al.* 2011), o delineamento de um método capaz de acessar esses componentes subjetivos cumpriria um papel de relevo no campo científico.



2.2 Fenomenologia e Cognição Social

A fenomenologia é um método cujo interesse para a pesquisa qualitativa está no nível fundamental da elaboração conceitual. Esse procedimento vai da realidade concreta à essência do fenômeno. As próprias coisas ou fenômenos é que são alvos do método, sendo por intermédio da experiência com o fenômeno que o método vai atingir a sua essência (Poupart, 2016).

Na fenomenologia, o método enfatiza o fenômeno tal qual é vivido pelas pessoas. Por isso, o sujeito é o elo entre o pesquisador e o fenômeno. O fenômeno em si é um objeto da consciência humana (Giorgi, 2016). Portanto, é imprescindível acessar o pensamento, as ideias e as concepções, pois estas serão a matéria prima a ser transformada em dados empíricos que levarão o pesquisador a atingir a análise do que está sendo estudado.

A visão que o sujeito da pesquisa demonstra ter sobre o objeto implica a atualização de esquemas mentais adquiridos mediante observação e a experiência (Teixeira, 2004). A fenomenologia fornece uma descrição sistemática; enseja a elaboração de um inventário das relações e das funções a respeito dos objetos estudados (Giorgi, 2016).

A reflexão fenomenológica orienta o pesquisador ao tratar do problema de pesquisa, pressupostos, ao destacar conceitos com vistas à elaboração teórica. O objeto contém uma infinidade de essências, de sorte a se fazer necessário analisar e refletir com amparo em esquemas mentais elaborados a seu respeito. Esquemas mentais são entendidos como pensamentos elaborados a partir da organização dinâmica das ideias, constituídos de estruturas mentais que representam o conhecimento, abrangendo conceitos inter-relacionados (Gardner, 1995).

Assim, nenhuma análise é definitiva e os esquemas mentais, pensamentos, ideias e concepções estão em constante transformação. Os esquemas mentais são modificáveis, passíveis de transitar por novos elementos conceituais, razão por que são dinâmicos e inteligentes. O objetivo da análise fenomenológica não é o objeto concreto expresso a uma consciência como um dado científico, mas sim as conclusões que são reveladas a partir da experiência que se tem com tal objeto.

A fenomenologia remete à totalidade das experiências vividas por uma pessoa e, também, é considerada como um meio de acesso à realidade subjetiva (Giorgi, 2016). Assim, na perspectiva fenomenológica, ser um sujeito significa estar vinculado ao mundo, sendo necessário considerar indissociável essa relação entre consciência e experiência. O



contexto do pensamento e das cognições envolve a aquisição, a organização e o uso do conhecimento, que se expande para o social mediante crenças, valores e ideias compartilhadas por meio da interação social (Sternberg, 2000).

Com efeito, é entendido o fato de que a cognição pressupõe uma relação do cérebro com o meio ambiente, considerando que o organismo atua nesse meio (Teixeira, 2004). Assim, um fenômeno é compreendido por via da sua relação com a consciência. Neste sentido, o sujeito está vinculado ao mundo e toda análise a respeito desta relação deve levar em conta estes elementos, porquanto nada é possível sem considerar a consciência (Giorgi, 2016).

O estudo da cognição implica a compreensão do modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam-se e pensam sobre determinada informação (Sternberg, 2000). Estudar sobre como as pessoas pensam promove um amplo conhecimento a respeito do comportamento humano. Em um contexto social, os processos cognitivos se desenvolvem compartilhadamente e, por isso, ganham a dimensão de uma realidade construída socialmente. Destaca-se a noção de que o indivíduo é um ator ativo na construção da realidade e, diante disso, os eventos sociais são incorporados ao sistema de significados que integram os mapas ou esquemas mentais individuais, sendo importante o compartilhamento de crenças, valores e conhecimentos.

A abordagem cognitiva referente à construção social da realidade enfatiza o papel ativo do sujeito perante a interpretação dos fatos e atribuição de significados. Para Hamilton, Devine e Ostrom (1994), a cognição social revela um jeito de investigar todos os fenômenos da Psicologia social e organizacional, tendo como base os princípios gerais da abordagem cognitivista. A cognição realiza-se nas atividades práticas nas quais as pessoas estão envolvidas e nas interações que elas desenvolvem em grupo. Assim, predomina a noção de que os processos cognitivos ocorrentes nas situações cotidianas, envolvendo interações entre as pessoas e seus contextos, são os que sucedem, tanto individual como coletivamente (Sternberg, 2000).

Sob a perspectiva da cognição social, a ação humana constitui uma unidade que relaciona práticas e significados pessoais e culturais associados entre si, a exemplo dos temas liderança, motivação e avaliação de desempenho, que integram objetos de pesquisa com ênfase na cognição social e nos processos relacionados a memória, controle mental, autoconceitos e estereótipos (Tenbrunsel *et al.* 1996).

Ao relacionar os processos cognitivos à interação social, impende se considerar que a vida mental abrange contextos em que se observa a atuação da pessoa no meio ambiente.



A cognição pressupõe uma relação que ocorre na medida em que o organismo atua com base nos processos básicos de percepção, memória, processamento da informação, atenção, concentração, linguagem, dentre outros (Teixeira, 2004).

A abordagem aqui proposta, ACR, pretende tornar a entrevista semiestruturada um momento de verbalizações espontâneas e de interação social, em que as cognições, pensamentos, concepções, crenças, valores e ideias sejam compartilhados por meio do relato do sujeito e da sua expressão criativa, sendo ele, então, capaz de revelar o significado das suas experiências. Assim, a abordagem deve ser entendida como um método que enfatiza o fenômeno e promove a reflexão fenomenológica. A descrição a respeito de uma experiência relacionada a um fenômeno é vista, na análise fenomenológica, baseada na utilização dos termos que representam a experiência vivenciada pelo sujeito e não mediante expressões da teoria que embasa o fenômeno. A ênfase será no que o sujeito narra, o que a sua consciência denota em termos de significados e informações (Giorgi, 2016).

De acordo com a análise fenomenológica, a pesquisa é um processo dinâmico, no qual o pesquisador desenvolve função ativa, tentando entender o ponto de vista do participante, mas reconhece suas limitações na qualidade de pesquisador, por não ter vivido a experiência do outro. O acesso à experiência do participante depende das próprias concepções do pesquisador: a realidade tal como aparece e como seu significado é elaborado pelo indivíduo é o que interessa ao pesquisador (Smith; Eatough, 2010).

Um aspecto importante a ser destacado na ACR é que a quantidade de participantes a serem entrevistados não é determinante, mas sim a qualidade do conteúdo obtido por meio das entrevistas. De acordo com Smith e Eatough (2010), a principal preocupação na análise fenomenológica é a ênfase imprimida a cada relato, sendo necessária a realização de uma análise detalhada do que caracteriza as cognições, cujos indícios são advindos de explicações pautadas na experiência e na compreensão do fenômeno. Entrevistar uma quantidade de sujeitos que se julgue relevante em termos de representação numérica pode levar a uma sobrecarga na etapa da análise dos dados, tendo, como resultado, uma análise qualitativa superficial, o que não é adequado.

É relevante considerar a riqueza do conteúdo cognitivo que está sendo explorado e como se pretende comparar ou contrastar os relatos. Não há um consenso na literatura a respeito da quantidade de sujeitos a serem entrevistados em uma análise fenomenológica, ficando a critério do delineamento da pesquisa. É possível pensar na quantidade de seis a



oito participantes, ou, até mesmo, ampliando para de nove a quinze sujeitos de pesquisa (Brocki; Weardon, 2006; Reid *et al.* 2005).

2.3 Entrevista: conceito e tipos de entrevista

A abordagem qualitativa tem se apresentado como uma alternativa focada na investigação de aspectos relacionados à dimensão humana e sócio-histórica nas organizações, fornecendo *insights* capazes de contribuir para a resolução de problemas complexos (Lanka *et al.*, 2021; Cheron; Salvagni; Colomby, 2022). Ressalta-se que a pesquisa qualitativa abrange uma série de paradigmas teóricos, podendo empregar boa gama de métodos e estratégias de pesquisa, dentre os quais menciona-se a realização de entrevistas (Lanka *et al.*, 2021), consistentes em questionar os sujeitos do experimento para a obtenção de dados exclusivos sobre suas diversas atividades, conhecimentos, argumentos, estratégias, desafios, entre outros elementos (Zittoun, 2021).

Argumenta-se que a entrevista na área das ciências humanas e sociais aplicadas não possui características exclusivamente subjetivas ou objetivas, mas intersubjetivas, possibilitando que os participantes (*i.e.*, entrevistadores ou entrevistados) elaborem suas interpretações a respeito do mundo e as expressem com suporte em suas singularidades (Cheron; Salvagni; Colomby, 2022). Ademais, os estilos de entrevista variam bastante, mas convergem na finalidade de usar perguntas para entender os pensamentos, sentimentos, crenças e comportamento das pessoas (Stuckey, 2013).

É verdade, evidentemente, que há diversas etapas envolvidas em uma entrevista, que vão desde a escolha e identificação do entrevistado à definição do tipo de entrevista que será aplicada (Creswell, 2010). Sobre as entrevistas, existem três tipos que se destacam: i) estruturada; ii) semiestruturada; e iii) não estruturada (Gill *et al.* 2008). A seguir, os tipos de entrevista são detalhados.

- **Entrevista Estruturada:** essencialmente, instrumentos administrados verbalmente, nos quais é feita uma lista de perguntas predeterminadas, com pouca ou nenhuma variação e sem espaço a indagações complementares para respostas que necessitam de melhor elaboração; relativamente, são rápidas e fáceis de administrar. É passível de ocorrer o esclarecimento de certas questões, quando for necessário, ou se houver probabilidade de problemas de alfabetização ou numeracia entre os entrevistados. Por sua natureza, esse tipo de entrevista assente apenas em



respostas limitadas dos participantes e, portanto, são de pouca utilidade se a “profundidade” for necessária (Gill *et al.* 2008).

- **Entrevista Semiestruturada:** consiste em várias perguntas-chave que ajudam a definir as áreas a serem exploradas, mas também dá oportunidade a que o entrevistador ou entrevistado busquem meios para se acessar ideias ou respostas com mais detalhes. Esse formato de entrevista é usado com maior frequência, pois fornece aos participantes algumas orientações sobre o que falar, o que muitos consideram útil. A flexibilidade desse tipo de instrumento, particularmente em comparação com entrevistas estruturadas, possibilita a descoberta ou a elaboração de informações importantes para os participantes, mas que não foram consideradas pertinentes pela equipe de pesquisa (Gill *et al.* 2008).
- **Entrevista Não Estruturada:** não reflete teorias ou ideias preconcebidas e é realizada com pouca ou nenhuma organização. Essa entrevista pode simplesmente iniciar com uma pergunta mais ampla, como - "Você pode me contar sobre sua experiência [...]?" - e então progredirá com base, principalmente, na resposta inicial. Seu uso é geralmente considerado apenas quando é necessária uma “profundidade” significativa, ou em que praticamente nada se sabe sobre a área de assunto (ou é necessária uma perspectiva diferente de uma área de assunto conhecida). As entrevistas não estruturadas, geralmente, consomem muito tempo (com possibilidade de serem mais longas) e capazes de ser difíceis de gerenciar, pois a falta de perguntas predeterminadas fornece pouca orientação sobre o que falar (o que muitos participantes acham confuso e inútil) (Gill *et al.* 2008).

Observa-se que a entrevista assume diversos formatos e deve estar alinhada à proposta da pesquisa e à necessidade dos pesquisadores. Desse modo, a entrevista é entendida como uma ferramenta versátil para produção de dados, podendo ser estruturada, mas sem retirar espaço para a espontaneidade, e cabendo ao pesquisador conduzir o processo tanto para obter mais informações sobre a questão investigada quanto para aprofundar conteúdos mais complexos ou importantes, sendo um instrumento valioso para a construção do conhecimento (Cheron; Salvagni; Colomby, 2022). Na pesquisa qualitativa, a entrevista é o método de coleta de dados mais recorrente e a entrevista semiestruturada é o formato mais adotado (Kallio *et al.* 2016).



Reconhece-se a relevância de outros métodos utilizados para acessar e estudar as cognições e estruturas do conhecimento, como o método clínico-crítico (Piaget, 1975) e a pesquisa narrativa (Bruner, 1990; Clandinn; Connelly, 2000). O método clínico-crítico consiste em um procedimento de coleta e análise de dados que concede ao pesquisador a compreensão do pensamento e o comportamento dos sujeitos, investigando o que está por trás de suas ações e palavras (Schreiber *et al.* 2019). Ressalta-se que esse método piagetiano tem como foco as crianças e faz uso de contra-argumentos como meio de recuperar o caráter social do pensamento, levando em consideração as relações de poder entre adultos e crianças (Palacios; Castorina, 2014).

Por sua vez, a pesquisa narrativa se trata de uma abordagem qualitativa que explora experiências humanas por meio de histórias pessoais, focando em como as pessoas constituem e concedem significado às suas vivências, sendo amplamente utilizada nas áreas de educação e ciências sociais (Aragão, 2008). Nessa perspectiva, a ACR se diferencia de outros métodos, como do método clínico-crítico de Piaget e da pesquisa narrativa, principalmente pela sua flexibilidade de aplicação em diversos contextos, com sujeitos de perfis diferentes e com foco na coleta de dados qualitativos por meio de entrevistas semiestruturadas dinâmicas e sistematizadas em etapas e ciclos.

A ACR configura uma abordagem que se vale da lógica aplicada em entrevistas semiestruturadas. A entrevista semiestruturada averigua as respostas subjetivas em relação a uma determinada situação ou fenômeno que tenham vivenciado (McIntosh; Morse, 2015). Argumenta-se que, nas entrevistas, são incluídos canais multissensoriais, sejam eles verbais, não verbais, de fala e escuta (Cheron; Salvagni; Colomby, 2022). No contexto da ACR, intenta-se acessar as diversas cognições das pessoas, com base em uma sistematização do conhecimento, seja por meio da fala, da produção escrita, da expressão criativa, do senso de ordenamento, entre outras estratégias.

3 ACR: origem e sistematização da abordagem metodológica qualitativa

O estudo seminal que deu origem à ACR foi o delineamento metodológico desenvolvido em uma tese de doutorado (Pinho, 2009). No referido estudo, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, inicialmente, com “Dados Pessoais”, seguido da solicitação de ideias espontâneas a respeito de variados construtos que estavam sendo abordados na pesquisa. A fim de acessar as cognições dos sujeitos, foram utilizados, como

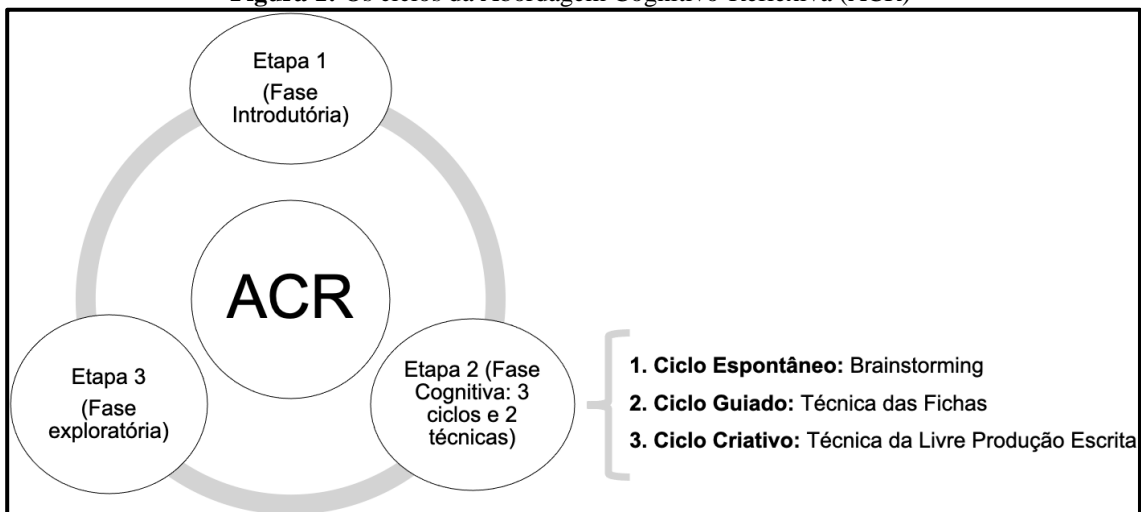
recursos, fichas com frases previamente escritas e papéis em branco e caneta para que os participantes escrevessem as próprias ideias.

Ademais, também foi solicitado aos participantes que escolhessem as frases mais representativas e que explicassem o conteúdo que havia sido escrito por eles. Importante evidenciar o fato de que os termos técnicos utilizados na literatura não foram citados, para não influenciar as ideias e pensamentos dos sujeitos entrevistados. Durante cada etapa desenvolvida na entrevista, o sujeito participante era levado a explicar e justificar as suas escolhas pelas fichas, bem como o uso que se fazia delas.

O contexto geral e a aplicação da abordagem metodológica, aqui proposta, revelam que distintos processos cognitivos são passíveis de ser identificados em três etapas constituintes e, especificamente, em diferentes ciclos. É sugerido que, por meio da ACR, os processos mentais de percepção, memória, emoções, senso de ordenamento e atribuição de significado e grau de importância sejam acessados por meio de figuras, palavras e representações simbólicas.

De acordo com Sternberg (2000), algumas ideias são mais facilmente representadas por figuras ou palavras, utilizáveis para representar coisas e informações. As figuras captam adequadamente as informações concretas e espaciais de um modo análogo a tudo o quanto representam, ao passo que as palavras captam as informações abstratas e absolutas de maneira simbólica a tudo o que significam. Por isso, o conteúdo das fichas pode incluir figuras, palavras, situações ou frases. A Figura 1 demonstra a constituição da abordagem em três etapas, dando destaque para a Fase Cognitiva, constituída de três ciclos.

Figura 1: Os ciclos da Abordagem Cognitivo-Reflexiva (ACR)



Fonte: Elaboração própria.



Etapa 1 (Fase Introdutória), que compreende perguntas sobre o contexto das características pessoais e dados organizacionais do participante; Etapa 2 (Fase Cognitiva), desenvolvida com o intuito de acessar as percepções e cognições do participante sobre o fenômeno; e Etapa 3 (Fase Exploratória), em que novas perguntas são passíveis de emergir a fim de explorar o fenômeno de maneira mais aprofundada. Vale ressaltar que, na Etapa 2, constam o segundo e o terceiro ciclos, com duas técnicas, intituladas Técnica das Fichas e Técnica da Livre Produção Escrita.

4 Delineamento da Abordagem Cognitivo-Reflexiva

A ACR é definida, aqui, como uma abordagem metodológica qualitativa a ser utilizada na elaboração e aplicação do roteiro de entrevista semiestruturado e interativo. É composta de três etapas que, no geral, resultam em um delineamento metodológico, sendo constituído de ciclos e técnicas, ambos distintos. ACR deve ser considerada inédita, pois reúne distintas fases e cada uma delas com características próprias.

Essa abordagem possibilita que o sujeito da pesquisa desenvolva seu discurso de três modos: i) espontaneamente, desde o conhecimento prévio do entrevistado sobre o fenômeno; ii) direcionada, com base em fichas; e iii) criativa, por meio da escrita livre em papéis em branco. A primeira maneira ocorre sem o controle direto do pesquisador; a segunda de modo direcionado, uma vez que o fenômeno é delimitado; e a terceira explora as cognições do sujeito por meio da criatividade e expressão escrita. Em todos os momentos, o pesquisador acessa as cognições dos entrevistados.

A seguir, as etapas são detalhadas com o auxílio de quadros em que são evidenciados aspectos como procedimento de coleta, finalidade, objetivo, foco e característica.

Quadro 1: Detalhamento da Etapa 1 (Fase Introdutória)

Etapa 1: Fase Introdutória				
Procedimento de Coleta	Finalidade	Objetivo	Foco	Característica
Questionamento sobre os dados pessoais: sexo, idade, escolaridade, estado civil, profissão, ocupação, tempo de serviço no cargo e na organização.	Permite que o entrevistador conheça o perfil do participante.	Caracterizar o sujeito.	Perfil do Participante	Identificação

Fonte: Elaboração própria.



O Quadro 1 indica o detalhamento da Etapa 1, ou Fase Introdutória. Nessa etapa, o entrevistador coleta dados relacionados ao perfil do participante, a fim de que a pessoa seja caracterizada. A coleta desses dados pode ser realizada de maneira não estruturada, semiestruturada ou estruturada, a depender da relevância desses dados para a pesquisa desenvolvida. Essa etapa é recorrente em outras técnicas de pesquisa qualitativa e tem como principal objetivo caracterizar o sujeito investigado. De acordo com a fenomenologia, o foco no sujeito é o ponto de partida para compreender o seu contexto e o mundo ao qual está vinculado. Numa visão fenomenológica, é necessário considerar a relação entre consciência e experiência como indissociável (Giorgi, 2016).

Após a identificação do participante, a Fase Cognitiva é aplicada do modo como descreve o Quadro 2.

Quadro 2: Detalhamento da Etapa 2 (Fase Cognitiva)

Etapa 2: Fase Cognitiva				
Procedimento de Coleta	Finalidade	Objetivo	Foco	Característica
Ciclo Espontâneo: <i>Brainstorming</i>				
Questionamento inicial sobre o significado do fenômeno na perspectiva do sujeito entrevistado, acesso às ideias por meio da fala espontânea.	O entrevistador promove um <i>brainstorming</i> , fazendo com que o entrevistado traga à mente suas ideias e percepções sobre o fenômeno.	Fazer com que o pesquisador trabalhe com as ideias e noções apresentadas pelo sujeito e não pelo que já é definido pela literatura.	Sujeito	Espontaneidade
Ciclo Guiado: Técnica das Fichas				
Apresentação de palavras-chave ou frases que exploram concepções e ideias a respeito do fenômeno a ser investigado.	O entrevistador passa a conduzir a entrevista de forma mais ativa.	Reduzir distorções e diminuir o distanciamento entre a percepção do sujeito sobre o fenômeno e seu real significado.	Compreensão do Fenômeno	Adaptabilidade
Ordenamento das fichas conforme prioridades e considerações a serem feitas pelo sujeito.	O entrevistado sistematiza as concepções e ideias sobre o fenômeno.	Proporcionar maior interação entre o sujeito e o fenômeno.	Aproximação entre Sujeito e Fenômeno	Organização
Atribuição da ordem de importância das fichas apresentadas.	O entrevistado expressa juízo, valor, crenças, etc.	Considerar as prioridades do entrevistado em relação ao fenômeno.	Crenças do Sujeito	Reflexão
Ciclo Criativo: Técnica da Livre Produção Escrita				
Escrita em papéis em branco.	O entrevistado se apropria do fenômeno.	Levar o entrevistado a expressar o fenômeno de forma autônoma.	Apreensão do Fenômeno	Autonomia e Criatividade



Organização dos papéis após a escrita ter sido finalizada pelo entrevistado.	O sujeito sistematiza o próprio pensamento.	Consolidar e avaliar mentalmente o fenômeno.	Apropriação do Fenômeno	Avaliação Analítica
Seleção dos principais papéis que foram escritos pelo sujeito, seguindo o critério pessoal do entrevistado.	O sujeito explora sua ideia sobre o fenômeno de forma seletiva.	Levar o sujeito à reflexão sobre o fenômeno de forma crítica.	Projeção do Fenômeno	Reflexão Crítica

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se (Quadro 2) que a Fase Cognitiva é ampla e promove o método fenomenológico, dando oportunidade a que o entrevistador acesse as cognições do entrevistado em relação ao fenômeno. Esta etapa divide-se em três ciclos, sendo o primeiro denominado de Ciclo Espontâneo. Nele, realiza-se um *brainstorming*, a fim de que o sujeito expresse, livremente, suas percepções sobre o fenômeno, levando o entrevistador a compreender o grau de familiaridade do sujeito com o assunto/fenômeno, o que contribui para a condução da entrevista. O primeiro ciclo tem como principal característica a espontaneidade.

No *brainstorming*, o pesquisador tem a possibilidade de acessar os esquemas mentais do sujeito na medida em que ele se expressa livremente, sem fazer qualquer tipo de indução. Como estruturas mentais que representam o conhecimento do sujeito (Gardner,1995), as ideias reveladas por meio do Ciclo Espontâneo abrangem pensamentos inter-relacionados a sua experiência.

Por sua vez, o *Ciclo Guiado* introduz a *Técnica das Fichas*. Essa é desenvolvida em três partes. Primeiramente, o entrevistador mostra fichas com palavras-chave ou frases que exploram concepções e ideias a respeito do fenômeno a ser investigado. Destaca-se que o conteúdo das fichas deve estar associado ao fenômeno, a fim de que o entrevistador direcione a pesquisa ao contexto investigado, reduzindo distorções e diminuindo o distanciamento em relação ao fenômeno. Posteriormente, ainda com o auxílio das fichas, solicita-se que o entrevistado as ordene, considerando suas prioridades, possibilitando que o participante se familiarize e organize suas ideias, tornando o fenômeno mais acessível e próximo ao sujeito.

Solicita-se que o entrevistado atribua importância aos conceitos expressos nas fichas, levando-o a exprimir suas crenças sobre o fenômeno. Observa-se que, aqui, o pesquisador denota ideias prévias sobre o tema, que são relacionadas à literatura e levam o sujeito a associar seus esquemas mentais ao conteúdo das fichas. Ressalta-se que a



utilização da técnica das fichas não implica a aplicação rigorosa e sequencial do Ciclo Guiado, isto é, o pesquisador vai adotar ou adequar a técnica de acordo com as necessidades do seu planejamento de pesquisa. Esse ciclo é caracterizado pela capacidade de adaptação, organização e reflexão do sujeito.

Assim como no Ciclo Guiado, o *Ciclo Criativo* também compõe uma técnica de coleta, denominada *Técnica da Livre Produção Escrita*. Esse ciclo também é desenvolvido em três partes e tem como propósito possibilitar que o entrevistador acesse as cognições do entrevistado por meio do processo criativo do sujeito. Primeiramente, solicita-se que o entrevistado escreva em papéis em branco suas ideias e concepções sobre o fenômeno investigado, explorando a expressão autônoma e criativa do sujeito. Aqui, mais uma vez, se trabalha com os esquemas mentais do sujeito entrevistado e com a ordem de prioridades que ele revela ter a respeito do fenômeno que está sendo estudado.

Assim, o entrevistador encoraja o entrevistado a organizar os papéis escritos seguindo os próprios critérios, de modo que o sujeito sistematize e atribua um sentido ao seu pensamento, levando-o a consolidar e avaliar mentalmente o fenômeno. Solicita-se, então, que o sujeito selecione os papéis considerados por ele como os principais, fazendo com que o entrevistado explore suas ideias sobre o fenômeno de maneira reflexiva e crítica. Assim, esse ciclo caracteriza-se pela predominância de autonomia, criatividade, avaliação analítica e reflexão crítica.

Desta maneira, a cognição será acessada como um dado empírico, o conteúdo revelado pelo campo mental e cognitivo implica a compreensão sobre o modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam-se e pensam sobre determinada informação (Sternberg, 2000). Estudar sobre como as pessoas pensam promove um amplo conhecimento a respeito do comportamento humano. Em um contexto social específico, no caso, o organizacional, os processos cognitivos se desenvolvem de um jeito compartilhado e, por isso, ganham a dimensão de uma realidade construída socialmente, a cognição social (Sternberg, 2000).

Quadro 3: Detalhamento da Etapa 3 (Fase Exploratória)

Etapa 3: Fase Exploratória				
Procedimento de Coleta	Finalidade	Objetivo	Foco	Característica
Novas perguntas podem ser associadas a partir do conteúdo expresso nas fichas.	Possibilita que o entrevistador explore seu objeto de pesquisa de forma mais aprofundada.	Ampliar a análise sobre o fenômeno.	Aprofundamento do Fenômeno	Exploração

Fonte: Elaboração própria.



O Quadro 3 descreve a terceira etapa da ACR, denominada *Fase Exploratória*. Nela, o entrevistador inclui novas perguntas a fim de que o fenômeno seja explorado em sua profundidade e complexidade. Assim, essa fase seria compreendida como uma etapa suplementar no processo de coleta de dados, uma vez que ela tem duas principais funções: i) ampliar o escopo sobre o fenômeno investigado, caso o pesquisador identifique a necessidade de novos direcionamentos desde as etapas anteriores; e ii) complementar o que já foi investigado, uma vez que, no processo de coleta de dados, o entrevistado pode não expressar com clareza suas percepções e cognições sobre o fenômeno, fazendo-se necessária a introdução de novos questionamentos a fim de que o entrevistador acesse informações essenciais para a pesquisa. Essa etapa tem como principal característica a exploração do conteúdo relacionado ao tópico da pesquisa.

5 Evidências acerca da Aplicação da Abordagem Cognitivo-Reflexiva

O Quadro 4 evidencia alguns dos estudos que utilizaram a ACR em sua forma plena, ou alguma(s) de suas etapas. Observa-se que a metodologia tem sido utilizada para explorar variados fenômenos em diversas pesquisas na área da Administração.

Quadro 4: Estudos que Utilizaram a ACR.

Estudo	Autor(es) e Ano	Meio de Publicação	Fenômeno(s) Investigado(s)	Etapa(s)/Ciclo(s) Utilizado(s)
Cognições gerenciais sobre inovação gerencial e gestão de pessoas	Pinho, Silva e Evangelista (2020)	Revista de Psicologia da UFC	Inovação Gerencial relacionada à Gestão de Pessoas	Etapa 1, Etapa 2 (Ciclos Espontâneo e Guiado) e Etapa 3
Motivação para atuação no voluntariado: estudo de caso em uma organização não-governamental	Silva, Rodrigues e Pinho (2020)	Revista Eletrônica Gestão & Sociedade	Motivação para o Voluntariado	Etapa 1 e Etapa 2 (Ciclos Espontâneo, Guiado e Criativo)
Vínculos organizacionais de comprometimento, entrincheiramento e consentimento: explorando seus antecedentes e consequentes	Tomazzoni e Costa (2020)	Cadernos EBAPE.BR	Comprometimento, Entincheiramento e Consentimento	Etapa 2 (Ciclo Guiado)
Gestão de pessoas e inovações gerenciais: um estudo baseado em cognições de gestores	Silva e Pinho (2021)	Teoria e Prática em Administração	Gestão de Pessoas e Inovações Gerenciais	Etapa 1 e Etapa 2 (Ciclo Guiado)
Inovações gerenciais em evidência: uma	Pinho et al. (2021)	Revista Ciências Administrativas	Inovações Gerenciais	Etapa 1, Etapa 2 (Ciclos Espontâneo,



análise baseada na percepção de gestores				Guiado e Criativo) e Etapa 3
--	--	--	--	------------------------------

Fonte: Elaboração própria.

O estudo desenvolvido por Pinho, Silva e Evangelista (2020) tratou dos temas inovação gerencial e gestão de pessoas (GP) numa empresa de comunicação, mediante a percepção de seis gestores do nível estratégico. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas conduzidas em três etapas. A primeira etapa contemplou os dados pessoais e profissionais dos participantes. Na segunda etapa, foram realizadas perguntas sobre o contexto e o desenvolvimento da GP na empresa estudada. Esta foi dividida em duas fases: 1) questionamento sobre as mudanças percebidas na gestão da organização, no modelo de GP da empresa ao extenso dos anos, e como é compreendido o contexto atual da GP; na segunda, foi utilizado o procedimento metodológico aplicado por Pinho (2009) e publicado posteriormente por Pinho *et al.* (2015), tendo sido elaboradas sete fichas contendo palavras que representam características do contexto e desenvolvimento de GP.

Destaca-se que, em dois estudos, houve a articulação da ACR com outros métodos de pesquisa. Essa possibilidade é apontada por Guercini (2014), ao sugerir que novos métodos qualitativos são alcançáveis pelo processo de articulação com outros métodos qualitativos ou quantitativos. O estudo de Silva, Rodrigues e Pinho (2020) foi realizado com sete sujeitos e foram aplicados distintos procedimentos de coleta de dados, tais como: questionamento sobre o perfil dos entrevistados (Etapa 1); perguntas sobre o trabalho voluntário (Etapa 2 – Ciclo Espontâneo); aplicação da “técnica das fichas” com base no estudo de Pinho *et al.* (2015) (Etapa 2 – Ciclo Guiado); e escrita em papéis (Etapa 2 – Ciclo Criativo). Adicionalmente, os autores realizaram observação direta não participante, o que caracteriza a triangulação com diferentes estratégias de pesquisa qualitativa.

No caso do estudo de Tomazzoni e Costa (2020), os autores desenvolveram a pesquisa em duas etapas: a primeira consistiu em uma análise quantitativa realizada por meio de modelagem de equações estruturais; e a segunda conformou uma análise qualitativa com o uso de fichas com base na proposta de Pinho (2009), que constitui o Ciclo Guiado da Etapa 2 da ACR, realizada com dez gestores.

No campo da gestão de pessoas e inovações gerenciais, Silva e Pinho (2021) utilizaram a técnica das fichas, caracterizada pelo ciclo guiado da ACR, em um estudo com 16 gestores. Já o estudo desenvolvido por Pinho *et al.* (2021) analisou o fenômeno



da inovação gerencial em uma empresa cimenteira, na qual foram entrevistados dez gestores. O roteiro de entrevista contou com quatro etapas: 1) dados pessoais e ocupacionais; 2) Uso de papéis em branco para escrita e, em seguida, escolha por parte do participante quanto à escrita mais significativa; 3) apresentação de fichas e solicitação para atribuição de ordem de importância; e 4) questões complementares que exploraram o tema pesquisado.

6 Considerações Finais

Este artigo apresentou a sistematização de uma estratégia metodológica, a ser aplicada em entrevistas semiestruturadas, denominada ACR. As etapas da ACR podem ser aplicadas em estudos científicos da área de ciências sociais aplicadas e demonstram ser consistentes para a investigação qualitativa de variados temas. Também é possível observar que a abordagem é utilizável com procedência no que foi delineado pelo pesquisador no seu desenho de pesquisa, podendo contemplar as suas três etapas constituintes (Fases Introdutória, Cognitiva e Exploratória) ou uma combinação entre elas. Na mesma direção, é possível verificar a aplicação de todos os ciclos (Espontâneo, Guiado e Criativo) existente na segunda etapa (Fase Cognitiva) ou de parte dos ciclos, no sentido de promover o alcance dos objetivos pretendidos.

É importante ressaltar, ainda, que a ACR introduz, mediante os ciclos da etapa Cognitiva, duas técnicas metodológicas – a Técnica das Fichas e a Técnica da Livre Produção Escrita. Essas constituem conjuntos de procedimentos de coleta de dados que propiciam dinamismo ao roteiro de entrevista semiestruturado, bem como acesso espontâneo ao fenômeno estudado, às cognições dos entrevistados e ao significado atribuído às experiências vividas pelo sujeito da pesquisa.

Sugere-se que, caso necessário, a Técnica das Fichas seja adaptada de modo que as palavras-chave ou frases sejam substituídas por imagens ou situações-problema. As figuras são aplicáveis como alternativa para casos em que o sujeito entrevistado possui baixa escolaridade, ou que ainda não tenha desenvolvido a habilidade da leitura, uma vez que as figuras são ilustrativas e capazes de refletir um fenômeno do cotidiano do sujeito.

No que se refere ao Ciclo Espontâneo da Fase Cognitiva, destaca-se o potencial do *brainstorming* proporcionar acesso aos esquemas mentais e concepções relacionadas ao fenômeno advindas da subjetividade do sujeito. Esse procedimento é passível de produzir categorias novas, surgentes da fala do sujeito participante no momento da pesquisa. Estas



categorias podem coincidir ou não com as categorias já existentes na literatura. Em pesquisas futuras, os pesquisadores podem explorar as novas categorias obtidas e testar a pertinência delas.

Ressalta-se, também, a noção de que a ACR é aplicável não apenas no contexto de entrevistas individuais, mas adaptável e aplicável em grupos focais, explorando as três etapas ou parte delas, devendo ser levado em consideração o delineamento proposto para a pesquisa que estiver sendo executada. Portanto, a ACR se constitui como uma contribuição importante para o terreno científico sobre metodologia de pesquisa qualitativa. Evidencia-se, ainda, que as evidências empíricas apresentadas reforçam a validade e a aplicabilidade da ACR, uma vez que os estudos desenvolvidos em contextos organizacionais denotaram resultados consistentes. Desse modo, a ACR é revelada como uma nova proposta metodológica a ser empregada nas ciências humanas e sociais aplicadas, e é suscetível de ser expandida para outras áreas do conhecimento.

Referências

- ARAGÃO, R. Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 295-320, 2008.
- ASHWORTH, R. E.; MCDERMOTT, A. M.; CURRIE, G. Theorizing from qualitative research in public administration: Plurality through a combination of rigor and richness. **Journal of Public Administration Research and Theory**, Oxford, v. 29, n. 2, p. 318-333, abr. 2019.
- BASTOS, A. V. B. A questão da cognição. In: DAVEL, E.; VERGARA, C. (org.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2001. p. 79-114.
- BLUHM, D. J.; HARMAN, W.; LEE, T. W.; MITCHELL, T R. Qualitative research in management: A decade of progress. **Journal of Management Studies**, Hoboken, v. 48, n. 8, p. 1866-1891, dez. 2011.
- BROCKI, J. M.; WEARDEN, A. J. A critical evaluation of the use of interpretative phenomenological analysis (IPA) in health psychology. **Psychology and Health**, Abingdon, v. 21, n. 1, p. 87-108, 2006.
- BRUNER, J. **Acts of meaning**. Massachusetts: Harvard University Press, 1990.
- CHERON, C.; SALVAGNI, J.; COLOMBY, R. K. The qualitative approach interview in administration: A guide for researchers. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 26, n. 4, e-210011, jul./ago. 2022.
- CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research**. São Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FISKE, S. T.; TAYLOR, S. E. **Social cognition**. 2. ed. Nova York: McGraw-Hill, 1991.



GARDNER, H. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**. São Paulo: Edusp, 1995.

GILL, P.; STEWART, K.; TREASURE, E.; CHADWICK, B. Methods of data collection in qualitative research: Interviews and focus groups. **British Dental Journal**, Londres, v. 204, n. 6, p. 291-295, mar. 2008.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, Á. P. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 386-409.

GUERCINI, S. New qualitative research methodologies in management. **Management Decision**, Leeds, v. 52, n. 4, p. 662-674, maio. 2014.

HAMILTON, D. L.; DEVINE, P. G.; OSTROM, T. M. Social cognition and classic issues in social psychology. In: DEVINE, P.; HAMILTON, D.; OSTROM, T. (Org.). **Social Cognition: Impact on social psychology**. San Diego: Academic Press, 1994. p. 1-13.

KALLIO, H.; PIETILÄ, A. M.; JOHNSON, M.; KANGASNIEMI, M. Systematic methodological review: developing a framework for a qualitative semi-structured interview guide. **Journal of Advanced Nursing**, Hoboken, v. 72, n. 12, p. 2954-2965, dez. 2016.

LANKA, E.; LANKA, S.; ROSTRON, A.; SINGH, P. Why we need qualitative research in management studies. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 25, n. 2, e-200297, mar./abr. 2021.

LEE, T. W. **Using qualitative methods in organizational research**. Thousand Oaks: Sage, 1999.

MCINTOSH, M. J.; MORSE, J. M. Situating and constructing diversity in semi-structured interviews. **Global Qualitative Nursing Research**, Thousand Oaks, v. 2, p. 1-12, ago. 2015.

MYERS, M. Ten years of qualitative research in organizations and management: Some reflections. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, Leeds, v. 10, n. 4, p. 337-339, dez. 2015.

NØRREKLIT, H. Quality in qualitative management accounting research. **Qualitative Research in Accounting & Management**, Leeds, v. 11, n. 1, p. 29-39, abr. 2014.

PALACIOS, M. I. G.; CASTORINA, J. A. Método clínico-crítico y etnografía en investigaciones sobre conocimientos sociales. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1052-1068, out./dez. 2014.

PIAGET, J. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

PINHO, A. P. M. **Comprometimento, entrenchamento e consentimento organizacionais: uma análise destes vínculos, entre gestores e trabalhadores, de diferentes organizações**. 2009. 256f. Tese (Doutorado em Administração) – Núcleo de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PINHO, A. P. M.; SILVA, M. R. R.; SOUZA, M. F. P. R.; LÁZARO, J. C. Inovações gerenciais em evidência: uma análise baseada na percepção de gestores. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 27, n. 1, 10458, jan./abr. 2021.



PINHO, A. P. M.; SILVA, M. R.; EVANGELISTA, N. R. S. Cognições gerenciais sobre práticas gerenciais inovadoras e gestão de pessoas. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 49-58, jan./jun. 2020.

PINHO, A. P. M.; SOUZA, J. A. J. Cognição e ação: explicando as bases cognitivas do comportamento gerencial. In: TUPINAMBÁ, A. C. R.; RODRIGUEZ, F. G. (Org.). **Liderança e empreendedorismo em perspectiva intercultural**. Fortaleza: Edições UFC, 2019. p. 219-257.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, Á. P. (Org.). 4. ed. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 215-253.

SCHREIBER, K. P.; BRAZ, G.; BERTOLUCCI, C. C.; SILVA, J. A.; PORCIÚNCULA, M. Níveis de compreensão do conceito de média aritmética de adolescentes a partir do Método Clínico-Crítico Piagetiano. **Bolema**, Rio Claro, v. 33, n. 64, p. 491-512, ago. 2019.

SILVA, F. E. R.; RODRIGUES, L. B.; PINHO, A. P. M. Motivação para atuação no voluntariado: estudo de caso em uma organização não-governamental. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 40, p. 3923-3952, set./dez. 2020.

SILVA, M. R. R.; PINHO, A. P. M. Gestão de pessoas e inovações gerenciais: um estudo baseado em cognições de gestores. **Teoria e Prática em Administração**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 115-129, jul./dez. 2021.

SMITH, J. A.; EATOUGH, V. Análise Fenomenológica Interpretativa. In: BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S.; FIFE-SCHAW, C.; SMITH, J. A. (Org.). **Métodos de pesquisa em Psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 322-339.

STERNBERG, R. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
STUCKEY, H. L. Three types of interviews: Qualitative research methods in social health. **Journal of Social Health and Diabetes**, Noida, v. 1, n. 2, p. 56-59, jul./dez. 2013.

TEIXEIRA, J. F. **Filosofia e ciência cognitiva**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
TENBRUNSEL, A. E.; GALVIN, T. L.; NEALE, M. A.; BAZERMAN, M. H. Cognitions in organizations. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Ed.). **Handbook of organization studies**. Londres: Sage, 1996.

TOMAZZONI, G. C.; COSTA, V. M. F. Vínculos organizacionais de comprometimento, entrenchamento e consentimento: explorando seus antecedentes e consequentes. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 268-283, abr./jun. 2020.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. Londres: Sage, 1995.

WELCH, C.; PLAKOYIANNAKI, E.; PIEKKARI, R.; PAAVILAINEN-MÄNTYMÄKI, E. Legitimizing diverse uses for qualitative research: A rhetorical analysis of two management journals. **International Journal of Management Reviews**, Hoboken, v. 15, n. 2, p. 245-264, abr. 2013.

ZITTOUN, P. Interviewing in public administration. **Oxford Research Encyclopedia of Politics**, 2021.

Recebido em: 09 de fevereiro de 2024.

Aceito em: 15 de novembro de 2024.